

Para Aquã©m de Abril

Entardeceram

nos umbrais da aurora

as memórias do teu rosto

Abril...

Nunca mais soprou o vento

depois

de Novembro

a vida

petrificou-se na inconstância

do rio...

não mais navegam

o teu sorriso

de florestas virgens

Hoje

passeio atónito

na neblina

das montanhas

fluir no tempo

na inércia da aventura

sonhar parado

no caminho em movimento

vir à estrada

e saber oscilar no horizonte

ser a terra

o mar

o sol

e a boca

cantar poema aberto

esperança viva

olhar o homem disperso

e cantá-lo

com a herança do ventre
reinveto-me
e não passo da superfície
deste mar austero

nos flancos do dia
arde o inatingível
torno a inventar

(o desfraldar das areias
vai-se consumindo
até que o sol nasça)

Francisco Duarte
Afluentes de Liberdade
Edições Milho Rei